Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Quarta-feira, 23 de Julho de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.815

Luedji Luna lança dois discos em curto espaço de tempo
PÁGINA 5

Leandro Hassum dribla caretice em nova comédia
PÁGINA 7

Sérgio Adriano H usa o corpo para denunciar racismo
PÁGINA 8

2º CADERNO

RACIONALMENTE TIM MAIA

Como o artista fez os discos de sua fase mística que ele criou há 50 anos e tentou enterrar

Por **Lucas Brêda** (Folhapress)

No segundo semestre de 1974, o compositor Tibério Gaspar recebeu Tim Maia na sua casa, no Recreio dos Bandeirantes, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, e pediu que ele o esperasse no quarto enquanto tomava banho. O cantor estava sob efeito de mescalina, uma substância alucinógena encontrada nos cactos, quando avistou o livro "Universo em Desencanto", que Gaspar pegou com o pai, em cima da mesa.

"Meu pai era um matemático fantástico, falava várias línguas, tinha contato com grandes cientistas ao redor do mundo", disse Gaspar, morto há cerca de sete anos, ao livro da série "33 1/3 Brazil" dedicado à fase "Racional" de Tim Maia. "Ele foi até a casa do Manoel Jacintho Coelho e, na volta, disse que 'o cara tinha toda a ideia da filosofia quântica na cabeça, ele sabia por intuição.'"

O livro teve impacto significativo na vida de Tim Maia. O rei da soul music brasileira parou de beber, fumar, usar drogas e comer carne vermelha, doou diversos bens à seita - liderada por Seu Manoel em Belford Roxo, no Rio -, passou a usar somente roupas brancas e a crer que os seres humanos vieram à Terra de outros planetas. Mais importante do que isso, fez alguns de seus discos mais cultuados "Racional", lançado há 50 anos.

De 1974 a 1976, quando Tim Maia viveu sua "fase Racional", os álbuns - foram dois lançados originalmente, além de um terceiro finalizado de maneira póstuma - eram praticamente desconhecidos do grande público. O próprio cantor, após se desiludir com a seita, fez questão de se desfazer de todos os vestígios desse período, incluindo os discos.

Continua nas páginas seguintes

Divulgação

Tim Maia Racional

Divulgação

Tim Maia Racional Vol. 2

Divulgação

Tim Maia Racional Vol. 3

Reprodução

O cantor acreditou cegamente nas teorias de Manoel Jacintho Coelho, que traduziu em canções

Um clássico improvável com a assinatura do mestre do soul

Mas com o passar dos anos o primeiro volume da trilogia "Racional" foi se tornando um clássico improvável, redescoberto por novas gerações no Brasil e aficionados por música fora do país. Inspirou o nome do maior grupo de rap do país, os Racionais MCs, virou item raro na mão de DJs e colecionadores de vinil e passou a circular informalmente entre fãs na internet até chegar ao streaming há seis anos.

Há diversos mitos que envolvem esse período da vida de Tim Maia. Um deles é que o artista teria se interessado pela seita Racional porque vivia um período de excessos e estava em busca de salvação. Segundo Paulinho Guitarra, guitarrista, amigo e braço direito do cantor em suas bandas nos anos 1970, eles se conectaram à seita por causa dos extraterrestres.

Reprodução

"Tim era um cara cético, e a gente era ligado em ufologia. Adorava esses assuntos de Ovni", conta. "Ele chegou assim 'Paulinho, o Tibério trouxe um livro que tu vai gostar'. Eu vi e de noite fomos lá. Ficamos conversando com Manoel, saímos quase 6h da manhã carregando um monte de livros, camisetas, adesivos. Tim já ficou amarradão - e eu, muito chegado a ele, fiquei também. A gente ainda não sabia muita coisa. Soubemos meio pelo alto."

Manoel Jacintho Coelho era um médium que havia atuado na umbanda e criou o culto baseado na ideia de que os humanos não são deste planeta. Segundo o jornalista americano Allen Thayer no livro da série "33 1/3 Brazil", para voltar ao seu planeta de origem o fiel deveria passar pelo processo de "imunização racional". Isso consistia basicamente em ler e reler as centenas de livros da série "Universo em Desencanto".

A fase 'racional' de Tim Maia foi um fiasco do ponto de vista comercial. O cantor foi demitido da gravadora e criou um selo para produzir os três álbuns da trilogia, que depois passou a renegar

Desde maio de 1974, Tim Maia vinha gravando novas canções com um time de peso de músicos, entre eles Cassiano, Beto Cajueiro, Robson Jorge, Serginho Trombone, Oberdan Magalhães, Luiz Carlos Fuina, Robério Rafael, Paulinho Braga, José Roberto Bertrami, Don Chacal e Don Pi, além de duas pessoas com o mesmo apelido - Paulinho Trompete.

Reprodução

Reportagem da época mostra Tim Maia e os integrantes da banda, a quem o músico obrigava a vestir branco e andar com o livro da seita

Um desses trompetistas, Paulo Roberto Martins, ou Paulinho "Ganso", como era chamado, se lembra do choque ao ver o cantor diferente.

"De repente, ele fez a barba, que ele pouco fazia, ficou limpinho, tomava banho, usava roupa branquinha, parou de fumar, de beber", ele diz. "De vez em quando, ele falava algumas coisas, mas não ficava pregando como fazem os evangélicos. Tinha um bom coração. Era um criancão. Uma criança adulta."

Paulinho conta que a maior parte das privações que Tim Maia viveu não eram exigências do culto. "O bom é que não precisava parar de beber", diz. "Lá mesmo na sede a gente tomava uma cachacinha, uísque, cerveja. O problema é que eles achavam que cannabis era droga. Cigarro podia, todo mundo fumava, era o maior cheiro. Podia tudo - até comer carne vermelha."

Todos, contudo, tinham que usar branco e ler o livro. Paulo Roberto Martins, o Paulinho Trompete, diz que só usava "a roupinha branca porque senão Tim tirava da banda". "A gente comprava o livro, botava debaixo do braço, mas era só para mostrar a ele. Saía de lá e tirava o branco, botava o livro de lado. Quando ia tocar, botava o branco, pegava o livro."

Uma parte da trupe aderiu à cultura Racional. "Os mais malucos acharam o maior barato", diz Paulinho. "Serginho Trombone, Robério, Beto, eu, todo mundo era maluco. Veio aquela ideia do espaço, que os seres vieram da planície do universo, aí todo mundo ficou animado. Já Robson Jorge, Oberdan Magalhães e Carlos Dafé não foram ao fundo. Essa galera era mais reservada."

É também um mito que os músicos gravaram "Racional" sóbrios e seguindo os preceitos da filosofia de Seu Manoel. Na verdade, toda a parte instrumental dos álbuns dessa fase foi gravada meses antes de Tim Maia aderir à seita, com outras letras. Depois, já sob a influência de "Universo em Desencanto", o cantor refez todas as vozes, mudando também todos os versos para fazer referência à nova filosofia.

As sessões eram regadas a maconha e outras drogas alucinógenas, como era comum para parte desses músicos. Várias composições eram parcerias de Tim Maia com gente como Cassiano, Fábio Stella e Robson Jorge. As letras originais foram todas apagadas, mas Paulinho se lembra de alguns trechos. Ele conta que "Quer Queira, Quer Não Queira", que abre "Racional (Vol. 2)", era uma letra de Stella que misturava línguas e dizia no refrão algo como "yo naci someone de Puerto Rico e meu destino é Nueva York".

"Imunização Racional (Que Beleza)" foi a única canção dessa época que teve a letra original quase inteira mantida. Quase porque o verso "ver tudo bem mais claro no escuro" já era inspirado pelos preceitos da cultura Racional. Mas a falta de referências explícitas ao culto foi também uma forma de despistar a gravadora.

A RCA Victor havia contratado Tim Maia para lançar um disco convencional, e ele mostrava essa canção como exemplo do que estaria gravando. Assim, poderia continuar usando os estúdios caros sem ter que pagar pelo aluguel dos espaços. Grande parte dos instrumentais foi gravado com os músicos se divertindo com equipamentos recém-comprados da empresa.

Quando viram o resultado final, com as letras repletas de referências à seita, os executivos dispensaram o cantor, que pagou pelas fitas e fundou seu selo próprio, o Seroma Edições Musicais, para lançar os discos "Racional". Também é um mito que ele teria roubado esse material de madrugada, vestido de branco e acompanhado dos amigos.

É verdade que a voz de Tim Maia nesta fase soam límpidas como nunca, resultado do estilo de vida regrado, da alimentação saudável e principalmente do fato de o cantor ter abandonado o cigarro. Citado hoje como principal mérito dos álbuns, e motivo de sua redescoberta, na época ninguém deu muita atenção à qualidade de seu canto.

"Eu achava aquilo tudo muito chato, uma porcaria", diz Paulinho. "E musicalmente não era. Mas eu pensava que essas letras, falando daquelas coisas... Anos depois, Ed Motta me falou que o disco 'Racional' estava valendo uma grana. Aí comecei a perceber. Hoje tem DJs e críticos americanos que comentam. Fui ouvir no ano passado e tem muita coisa legal."

O guitarrista também afirma ser mentira a história de que os instrumentos todos foram pintados de branco. "Ninguém vai pintar um trombone, porque vai estragar o instrumento", diz. "Ele nunca mandou pintar bateria. Só pintamos alguns amplificadores antigos e um órgão Hammond de madeira."

O desencanto com a cultura Racional começou com os músicos, primeiro porque eles não entendiam a reprovação à maconha. Paulinho, que fazia faculdade na época, conta que os colegas estranhavam seu jeito de se vestir. Isso sem contar a falta de shows, dado o fracasso de vendas dos discos.

"Ficou todo mundo duro. Ninguém queria contratar. As rádios não tocavam. Aí Tim acabou com esse negócio", ele diz. "A pessoa tinha que ler e reler. Tim falava 'leia e releia', mas era tudo a mesma coisa - a origem da humanidade, de onde viemos e para onde vamos, a formação do universo. Fui enchendo o saco, e os músicos também."

Paulinho também desmente outra história desse período - ou pelo menos uma parte dela. Nelson Motta afirma na biografia sobre Tim Maia, "Vale Tudo", que o cantor surgiu pelado na janela gritando que "Universo em Desencanto" era uma farsa.

"A gente se juntou no apartamento dele em Copacabana e ele ficou gritando - 'Universo em Desencanto é uma mentira, vou fumar um baseado aqui na janela!'", diz. "Mas ele estava vestido. Não estava nu. Até porque tinha gente da família dele lá. Me lembro do irmão, mas tinham outras pessoas."

CORREIO CULTURAL

Reuters/Folhapress

Walter Salles e Oscar de Melhor Filme Internacional

Academia inicia escolha do longa brasileiro para o Oscar

A Academia Brasileira de Cinema iniciou o processo de inscrições para a seleção do filme nacional que disputará uma vaga na categoria Melhor Longa-Metragem Internacional da 98ª edição do Oscar, marcada para 15 de março de 2026. As candidaturas devem ser feitas até 10 de agosto através do site oficial da instituição.

A Comissão de Seleção, formada por 15 membros, definirá uma pré-lista com seis títulos em 8 de setembro e anunciará a escolha final no dia 15. Para concorrer, os filmes devem ter estreado comercialmente entre outubro de 2024 e setembro de 2025, permanecendo em cartaz por, no mínimo, sete dias consecutivos.

Sucesso lá fora

Falando em cinema brasileiro, "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, segue em agitada trajetória internacional. Sua pré-estreia no Canadá se dará durante o 50º Festival de Cinema de Toronto, que acontece entre os dias 4 e 14 de setembro.

Sucesso lá fora II

O thriller político protagonizado por Wagner Moura - premiado em Cannes por sua atuação - fará parte das "Special Presentations", dividindo espaço com produções de cineastas como Jafar Panahi, Guillermo del Toro e Richard Linklater.

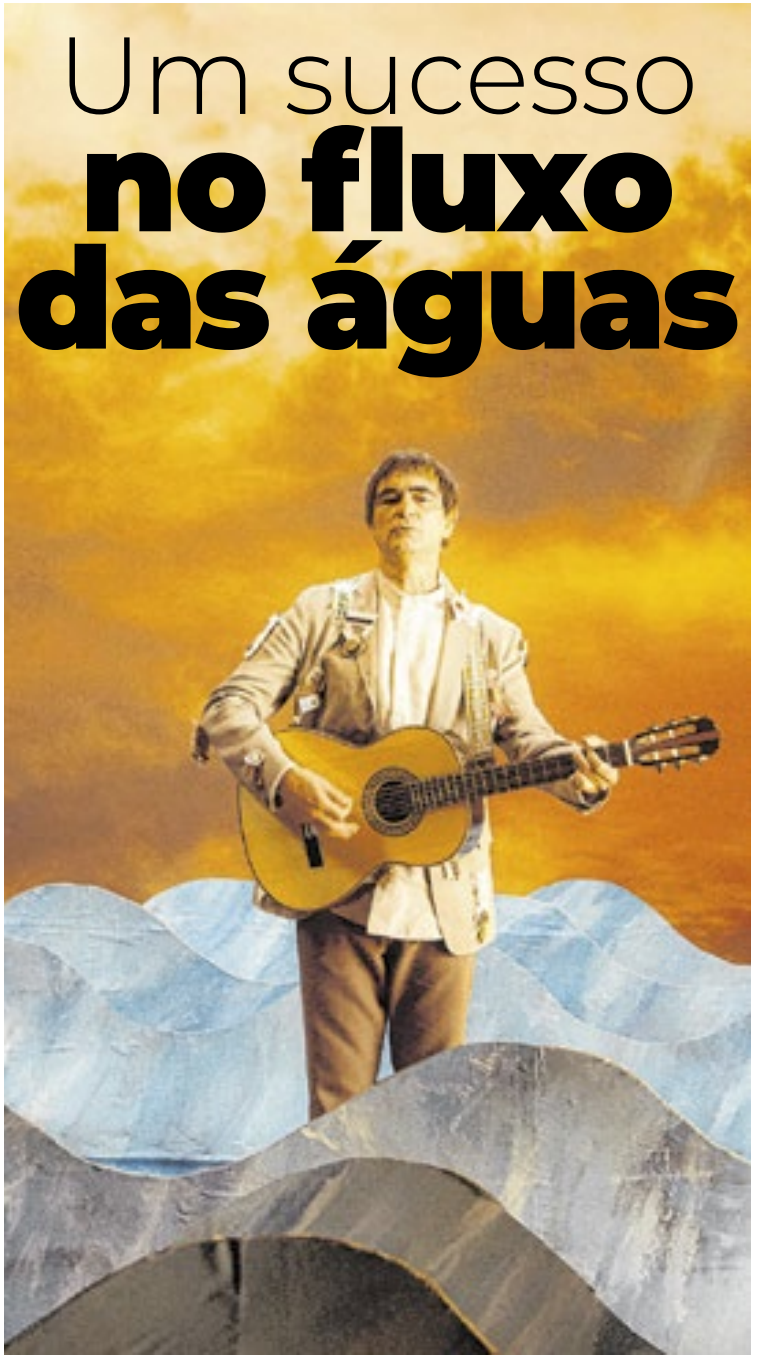
Novidade

A banda Assa-Peixe lança nesta quarta-feira (23), com show no Blue Note Rio, o álbum "Ondas" com seis faixas autorais e releituras de Erasmo Carlos e Originais do Samba. O grupo é formado por Thomas Harres, Zé Victor e Lancaster Pinto.

Homenagem

Por decreto do prefeito Eduardo Paes, o principal trajeto dos megablocos cariocas de rua agora se chama "Circuito de Blocos de Carnaval de Rua Preta Gil". Decreto foi publicado nesta terça-feira (22) no Diário Oficial do Município.

Felipe Castelani/Divulgação



Um sucesso no fluxo das águas

O ex-Skank Samuel Rosa celebra a longevidade de seu hit 'Rio Dentro do Mar' nas rádios e relança a faixa em formato acústico inspirado em suas apresentações ao vivo

Por **Affonso Nunes**

O sucesso prolongado de "Rio Dentro do Mar" nas rádios desde janeiro motivou Samuel Rosa a criar uma nova versão da canção. O ex-vocalista do Skank disponibilizou nas plataformas digitais uma interpretação acústica da faixa, que se mantém entre as mais executadas em seu segmento há mais de seis meses. A decisão surge após a repercussão positiva de apresentações mais intimistas da música em shows recentes, onde o cantor optou por arranjos apenas com piano ou bateria mais suave.

A trajetória da canção ganhou impulso extra com a participação do músico na novela "Vale Tudo", quando interpretou uma versão que conquistou elogios do público. Essa experiência reforçou a percepção do artista sobre o potencial da música em diferentes formatos. "Eu que já vivi tantos anos dentro da música e passei pela experiência gratificante que é ver nascer um sucesso, tenho a tendência a achar que o tempo de maturação ideal de uma música não é esse que a indústria impõe, com toda essa rapidez", reflete o cantor.

Samuel critica o ritmo acelerado da indústria musical contemporânea, onde lançamentos semanais podem prejudicar a assimilação adequada das canções pelo público. "Acredito que com os lançamentos frenéticos a cada semana e a forma descartável que uma canção é tratada, o público não consegue assimilar uma canção como ela deve ser assimilada", observa. Para ele, a permanência de "Rio Dentro do Mar" nas paradas radiofônicas representa uma conquista significativa em um cenário de consumo musical cada vez mais volátil.

A longevidade da faixa nas rádios surpreendeu positivamente o próprio compositor. "Quando eu vejo uma música minha entre as mais tocadas na rádio, dentro do meu segmento, desde janeiro, eu comemoro muito", conta Samuel. Essa performance sustentada motivou a equipe a explorar novas possibilidades para estender o ciclo de vida da canção, resultando nesta versão acústica.

O músico justifica a escolha pelo formato intimista com base na própria gênese da composição. "A gente acreditava muito em 'Rio Dentro do Mar' e ela seguiu prestigiada. Foi suficiente pra gente pensar em um tempo de vida maior pra ela", explica. Segundo Samuel, a estrutura original da música, construída com voz e violão, favorece naturalmente essa abordagem mais despojada.

A canção já possui um videoclipe lançado em março, dirigido e protagonizado por Letícia Ribeiro ao lado de Samuel Rosa, com produção audiovisual da Cave. O material audiovisual acumula mais de 2,3 milhões de visualizações no canal do YouTube do artista, demonstrando o alcance da faixa além das rádios. A combinação entre o sucesso do clipe e a permanência nas paradas radiofônicas consolida "Rio Dentro do Mar" como um dos trabalhos mais bem-sucedidos da carreira solo de Samuel.

Lente aumentada **sobre o amor**

Em menos de um mês Luedji Luna lança dois álbuns que investigam o desejo, a carência através do jazz e neo-soul

Por Affonso Nunes

Luedji Luna fala sobre os dois novos álbuns: 'Esses dois discos são bem geminianos: mutável, dinâmico e transformador. Um espelha o outro'.

Divulgação

A cantora e compositora baiana Luedji Luna lançou "Um Mar Pra Cada Um", seu quarto álbum de estúdio, encerrando uma trilogia iniciada com "Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água" (2020) e sua versão deluxe. O novo trabalho navega pelas nuances do desejo através de ritmos como jazz e neo-soul, contando com participações de Nubya Garcia, Liniker, Tali, Takuya Kuroda, Isaiah Shaker e Beatriz Nascimento. O trabalho veio na sequência de "Antes Que a Terra Acabe", lançado de surpresa alguns dias antes.

Aos 38 anos, a artista soteropolitana consolida sua posição como uma das principais vozes da música popular brasileira contemporânea. Reconhecida por sua militância racial e feminista, Luedji construiu uma obra que mergulha na ancestralidade afro-brasileira e agora investiga as dimensões mais íntimas do amor e da carência.

"Fiz esse disco para investigar, para além do meu desejo, a minha carência, que gera essa busca incessante", explica a artista em entrevista à Rolling Stone Brasil. "Ele surge para que eu possa curar minha versão do passado que inventava amores, pois era a única maneira de habitar o amor, e para que eu compreenda que eu sou digna de ser amada porque, assim como qualquer ser humano, sou um ser divino."

Enquanto seus discos anteriores traziam uma perspectiva mais filosófica e plural, com outras vozes de mulheres negras, este novo trabalho busca encontrar o amor divino e supremo. Luedji assume a inspiração em "A Love Supreme" de John Coltrane.

Segundo a artista, a presença massiva de instrumentos de sopro no álbum traz consigo um significado espiritual. "O sopro que anima a vida, que está presente no início de todas as coisas, na cosmogonia cristã e em tantas outras. A etimologia da palavra 'espiritualidade' vem do latim 'spiritus', que quer dizer sopro", detalha Luedji. "Ele é o veículo e o amor é a fonte originária; o fundamento de toda criação, de tudo que existe. Por isso, a primeira faixa se intitula 'Gênesis' e começa com um sax."

Canções como "Dentro Ali", "Harém", "Salty" e "Baby, Te amo" trazem as colaborações internacionais, enquanto "Gênesis" se destaca como instrumental regido pelos músicos baianos Bira Marques no piano, Bruno Mangabeira no sax, Nei Sacramento na bateria e Ângelo Santiago no contrabaixo. Uma das participações mais especiais é de Beatriz Nascimento, que recita seu próprio poema através de inteligência artificial, utilizando material de uma publicação póstuma.

Para este trabalho, Luedji aplicou em sua música parte dos processos terapêuticos nos quais se envolveu durante o último ano, utilizando propositalmente determinadas frequências e elementos de sound healing para construir a perspectiva de cura trazida pelo disco. O resultado é um álbum que busca extrapolar o terreno da música popular, explorando questões como autoconhecimento e transformação espiritual.

A artista, que ganhou projeção nacional com "Um Corpo no Mundo" (2017) e reconhecimento internacional com a indicação ao Grammy Latino por "Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água" (2021), consolida com este lançamento sua maturidade artística e sua capacidade de transformar questões pessoais em arte universal.

Paralelamente ao lançamento principal, Luedji surpreendeu os fãs com "Antes Que a Terra Acabe", álbum inesperado com 10 faixas que conta com participações especiais de Milton Nascimento, Seu Jorge, Arthur Verocai, MC Luanna, Duda Raupp, Kato Change e Zudizilla, demonstrando a prolificidade criativa da cantora em um momento de intensa produção artística. O trabalho aborda as complexidades do amor e da condição humana, mas essas reflexões surgem emolduradas por arranjos luminosos que convidam o ouvinte à dança.

O disco navega com desenvoltura entre sonoridades que, aparentemente, não dialogam. Mas o fato é que intimidade do lo-fi convive bem com uma bossa nova repaginada. E a energia pulsante do afrobeat se encontra com as batidas características do amapiano sul-africano.

A própria artista reconhece os desafios do processo criativo. "Esses dois trabalhos foram desafiadores pela minha coragem de olhar com uma lente aumentada para própria relação com o amor e, também, pela quantidade de músicas e produtores envolvidos no processo", revela Luna, que define o trabalho com uma metáfora astrológica. "Esses dois discos são bem geminianos: mutável, dinâmico e transformador. Um espelho o outro".

Divulgação

Campeão de bilheteria na França, cinebiografia de Charles Aznavour, ícone da chanson française, se espalha Europa adentro com Tahar Rahim em atuação seminal

Cinemão francês na vitrola

Num 2025 duro para o audiovisual gaulês, que sua para emplacar blockbusters, 'Monsieur Aznavour' viaja pelo mundo, à luz do carisma de Tahar Rahim no papel do icônico cantor

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Sob a concorrência pesada do novo "Superman" (que tem faturado aos tubos) e da versão em carne e osso de "Lilo & Stitch" (que bateu US$ 1 bilhão de receita no domingo), a França está vivendo um 2025 difícil em seus complexos exibidores, sem conseguir que seu próprio cinema emplaque blockbusters a granel, como está acostumada. Em 2024, a pátria de François Truffaut contabilizou cifras vertiginosas com a produção audiovisual gestada em Paris, Marselha, Nice e arredores. Viu uma comédia, "Un P'tit Truc En Plus", vender 10,8 milhões de tíquetes, além de testemunhar o épico, "O Conde de Monte-Cristo" arrastar 9,2 milhões de espectadoras/es.

Este ano, só três longas-metragens franceses peitaram a hegemonia hollywoodiana: "God Save the Tuche", com 2.787.858 pagantes; "Ma Mère, Dieu et Sylvie Vartan", com 1.506.916 ingressos vendidos (e ainda em cartaz); e "Un Ours Dans Le Jura", que vendeu 1.468.640 entradas. Tem coisa boa ainda por vir por lá, até dezembro, como a sci-fi "Chien 51", de Cédric Jimenez; a biopic em duas partes "De Gaulle", de Antonin Baudry; a fantasia "Kaamelott: The Second Chapter", que dá continuação ao recordista homônimo de público de 2020, sobre a Távola Redonda; e o badalado "Nouvelle Vague", dirigido pelo americano Richard Linklater, porém ambientado em terras parisienses. O que falta nesse pacotão é algo com balacobaco igual ao de "Monsieur Aznavour", um fenômeno francófono de público que estreia aqui nesta quinta.

Esse foi um dos maiores fenômenos do Festival de Cinema Europeu Imovision, realizado aqui em abril, pelo distribuidor Jean Thomas Bernardini. Com 2.054.791 ingressos vendidos ao longo dos três meses de sua carreira comercial nas salas de projeção de Paris, "Monsieur Aznavour" inicia agora uma trajetória pelas telas do Velho Mundo – já com as Américas no radar – com fôlego para renovar a rentabilidade da pátria de Emmanuel Macron planeta adentro. O ator Tahar Rahim, revelado em 2009 com "O Profeta", é seu protagonista e soma novos elogios a cada projeção desse drama biográfico baseado nos feitos – leia-se "no cantar" - de Shahnur Vaghinak Aznavourian (1924-2018), celebrizado entre nós como Charles Aznavour. Na direção, a dupla de cineastas Mehdi Idir e Grand Corps Malade, responsáveis também pelo roteiro, acompanham a transformação de um jovem de origem armênia - sem eira, nem beira, nem franco algum no bolso - num ídolo mundial, sob os acordes de hits canoros que ganharam tímpanos, via rádio, numa escala planetária. "La Bohème" e "Emmenez-moi" estão entre as baladas mais famosas de uma trilha que faz plateias suspirarem. Numa interpretação comovente, o próprio Rahim canta "Les Comédiens", "Mé Qué Mé Qué" e "Trousse Chemise".

Aznavour em pessoa facilitou a vida dos realizadores e do astro. Além de ter emprestado seu carisma ao já citado François Truffaut, nas rodagens do longa "Atirem No Pianista" (1960), e a Atom Egoyan, nos sets de "Ararat" (2002), ele filmou-se muito, não num ato de vaidade, mas num empenho de inventariar suas andanças e conquistas para que as intolerâncias de um continente assolado pela xenofobia não apagassem tudo o que experimentou. Por isso, entre viagens pela África, a Ásia e os EUA, em meio a amores que vão e amadas que ficam, no fluxo do reencontro com suas origens na Armênia, o rouxinol francófono sempre teve uma filmadora consigo. Registrou, ao longo de 34 anos, os bastidores de uma vida dedicada ao prazer de cantar... e à arte de saber viver. Esses registros foram feitos numa câmera Paillard-Bolex recebida como um presente na época em que se apresentava com Édith Piaf (1915-1963). A diva da voz aprece com destaque em "Monsieur Aznavour", interpretada por Marie-Julie Baup. Outro canário belga da França, Charles Trenet (1913-2001), aparece em cena também, vivido por Dimitri Michelsen.

A maior parte desse material filmado por Aznavour foi reunido e decantado pelo cineasta Marc di Domenico, na década passada. Reunidos e analisados frame a frame, eles se tornaram a argamassa de um (belo) documentário, lançado na Europa em 2019. Num gesto de generosidade digna de grandes artistas, Marc definiu "Le Regard de Charles" como "um filme de Aznavour realizado por Domenico".

Em 2017, Aznavour veio ao Brasil para um par de shows, realizados em São Paulo (no Espaço das Américas) e no RJ (no Vivo Rio). Na ocasião, ele concedeu uma entrevista ao Correio da Manhã, na qual refletiu sobre sua longeva aposta nas melodias de "Que C'est Triste Venise" e "Et Pourtant". Poucos antes, em 2015, lançou seu último álbum, "Encores", com faixas de dar nó na melancolia como "Des Ténèbres À La Lumière", "Et Moi Je Reste Là" e "Mon Amour Je Porte En Moi".

"Passei toda uma vida a cantar aquilo que os corações desejam, numa mistura do que poderia ser combativo com hinos românticos", disse Aznavour numa de suas últimas entrevistas, dada ao Correio há cerca de sete anos. "Desde o início da década de 1950, quando gravei meu primeiro álbum, o meu repertório se construiu sob a certeza de que você não pode impor uma tendência ao público. Um sucesso se cria pelo gosto e pelo afeto das multidões".

A partir deste fim de semana, redes exibidoras brasileiras vão testar essa máxima, à luz do carisma de Rahim, que brilhou no Festival de Cannes, em maio, no elenco de "Alpha".

Guilherme Leporace/Netflix

Leandro Hassum é um pai ciumento que precisa driblar as fronteiras do portunhol em 'Família, Pero No Mucho'

Falou em riso, falou Leandro Hassum

Com a marca (que só cresce) de 15 milhões de ingressos vendidos, o rei do humor faz da Netflix a maior diversão com 'Família, Pero No Mucho', nas raias do portunhol

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

No portunhol salvaje, aquele que fabrica expressões idiomáticas fictícias como "Coca-Cuela", "pierto" e "depiende", Leandro Hassum é la más grande diversión, assim na tela (grande) como no céu... da Netflix. É por lá que o campeão nacional de bilheterias na esfera da neochanchada esquia nas fronteiras linguísticas entre o carioquês e o espanhol dos argentinos em "Família, Pero No Mucho", já na grade de uma plataforma onde ele tem sido presença constante desde a pandemia.

Seu novo filme é um bem-vindo antídoto contra as patrulhas ideológicas da caretice - disfarçadas de correção política – que por vezes travam a conexão popular das comédias nas receitas dos exibidores e na audiência de canais da streaminguesfera. Nos EUA, por exemplo, não se vê um arrasa-quarteirão do gênero desde 2012, quando "Ted", de Seth MacFarlane, bateu meio milhão de dólares na venda de ingressos. Não por acaso, a nova versão de "Corra Que A Polícia Vem Aí!", com Liam Neeson, prevista para agosto, é esperada pelo mercado audiovisual com o mesmo ardor que se aguardava a revelação dos Segredos de Fátima.

Pode ser um milagre. Por aqui, onde se acredita que Deus é brasileiro, o filão segurou as pontas, com fervor, graças a estrelas do porte de Hassum. Sua filmografia anestesia nossas amarguras. "Eu tento continuar com a minha essência", diz Hassum, em entrevista via Zoom com o Correio da Manhã, ao falar sobre a continuidade de sua grife de excelência pop ao firmar parcerias com a plataforma que fez do N maiúsculo seu símbolo. "Na Netflix, a gente filma como se fosse para a tela grande. Eu sigo fazendo como se fosse cinema, o que é um tesão".

Ímã de risos, balizada por uma afetiva toada de crônica de costumes "Família, Pero No Mucho" foi rodada sob a direção de Felipe Joffily (de "Muita Calma Nessa Hora") entre as paisagens geladas de Bariloche e o calor do Rio de Janeiro. Não tem mau humor que resista às sequências em que o dono de restaurante Otávio (Hassum) tenta aprender como nuestros hermanos falam trivialidades em meio a um friiiiiiiio daqueles de bater o queixo. Ele dá uma pausa nas feijoadas regadas a torresmo, couve e laranja que serve em seu restaurante em Santa Teresa para visitar o frio da Argentina, a fim de conhecer a futura nova família de sua filha musicista, Mariana (Júlia Svacinna). O sogro da moça, Hector (Gabriel Goity), será a pedra no sapato de Otávio nesse "Entrando Numa Fria" (2000) à moda luso-hispano-americana. "Pertencemos a países fronteiriços e, nesse filme, vemos como a gente é parecido", diz o ator, que, radicado nos EUA, busca uma internacionalização de sua graça há tempos.

Se esse processo der certo por vias latinas – e, a julgar pela boa audiência da Netflix, já em sua arrancada, rolou êxito -, Hassum pode ser a saída de que as narrativas cômicas necessitam para escapar dos grilhões do moralismo. Na Europa, a gargalhada sabe ainda se desviar do caveirão do Bope woke e das batidas do politicamente correto, vide iguarias francesas como "Un P'tit Truc En Plus", que vendeu 10,8 milhões de tíquetes, nas salas de projeção de Paris, Marselha, Nice e arredores, em 2024. Em Hollywood, contudo, a situação é triste. No circuitão norte-americano não pintam franquias cômicas made in USA, daquelas de lucrar cifras colossais, desde "Se Beber, Não Case" (2009 – 2012). A indústria que presenteou o planeta com Buster Keaton, Mae West, Jerry Lewis, Lucille Ball, Goldie Hawn, Steve Martin, Eddie Murphy, Lily Tomlin, Jim Carrey e gigantes afins não teve rendas cifras astronômicas nos multiplexes. Seu dínamo mais imbatível, Adam Sandler, que lotou salas de 1998 (quando lançou "O Rei da Água") até 2011 (ano de "Cada Um Tem A Gêmea Que Merece"), migrou para a Netflix há uma década. Lá, sob a dublagem indefectível de Alexandre Moreno, ele reina. Não por acaso, seu novo longa, "Um Maluco no Golfe 2" ("Happy Gilmore 2"), que estreia nesta sexta-feira na plataforma, é encarado como uma das maiores apostas do streaming nesta temporada.

No Brasil, ainda sabemos rir sem medo, pautados em Ingrid Guimarães, Mônica Martelli, Maurício Manfrini (o Paulinho Gogó) e Tatá Werneck. Hassum é parte imbatível desse bonde. Tanto é que já se aposta forte em dois de seus novos longas para o circuitão: "O Rei da Feira", que estreia no dia 4 de setembro (com Pedro Wagner) e "Silvio Santos Vem Aí!", que será lançado em 30 de outubro, com o ator no papel do homem do Carnê do Baú.

Em 2012, conhecido por uma silhueta GG que deixou para trás numa bariátrica, Hassum protagonizou "Até Que a Sorte Nos Separe", um projeto da Gullane Pictures, sob a direção de Roberto Santucci ("De Pernas Pro Ar"). À ocasião, ele brilhava na TV (onde ainda brilha) e bombava nos palcos (como ainda bomba), mas almejava engatar uma carreira solo como protagonista na telona. Vendeu, de cara, 3.432.448 ingressos. Emplacou duas continuações, além de ter estrelado uma segunda franquia, "O Candidato Honesto". Só nessas duas cinesséries e num derivado de "Os Caras de Pau", ele arrastou 15 milhões de pagantes ao circuito, assumindo um trono outrora ocupado por Oscarito, Mazzaropi e Renato Aragão: o posto de rei da risada varejão. Renovou a majestade no streaming, em 2020, quando "Tudo Bem No Natal Que Vem" tornou-se um dos mais invejados fenômenos de audiência da Netflix. Simbiose mais perfeita com a persona de Silvio – e com a necessidade que a gente tem de rir - é impossível.

Divulgação

Sérgio Adriano H faz do próprio corpo uma ferramenta de denúncia contra o racismo estrutural

O CORPO PRETO *como manifesto*

Sérgio Adriano H celebra 25 anos de carreira com exposição inédita que questiona narrativas históricas produzidas acerca da negritude

Por Affonso Nunes

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro recebe a partir desta quarta-feira (23) a exposição "CORpo Manifesto", de Sérgio Adriano H, que marca os 25 anos de trajetória de um dos mais importantes artistas negros da arte contemporânea brasileira. A mostra reúne 113 obras que atravessam fotoperformance, escultura, pintura, instalação e vídeo.

Catarinense de Joinville, Sérgio Adriano H construiu sua poética artística utilizando o próprio corpo como instrumento de denúncia contra o racismo estrutural e a invisibilidade histórica da população negra no Brasil. Suas obras funcionam como documentos que questionam narrativas oficiais sobre negritude e identidade, estabelecendo conexões entre passado colonial e presente através de uma linguagem que combina impacto visual e reflexão política.

A exposição reúne trabalhos emblemáticos da trajetória do artista como "Ordem e Progresso – Direito das Obrigações", da série "PALAVRAS TOMADAS", "O lugar que pertenço" e "História do Brasil". Cada peça foi selecionada pelos curadores Juliana Crispe e Claudinei Roberto para compor um panorama da produção do artista, evidenciando sua abordagem conceitual da decolonialidade numa investigação sobre histórias ausentes e palavras não ditas.

"Tenho um sonho e estou transformando esse sonho em um mantra para que, de tanto ser repetido, inspire outros a sonhar", destaca. "Ser um artista negro é sonhar que um dia um garoto ou uma garota negra, nascidos em uma comunidade, em uma favela, ao abrirem um livro de história da arte, encontrem ali o meu nome. Descubram que Sérgio Adriano H nasceu em Joinville, pobre, sem saber sonhar, mas encontrou a arte e por ela foi salvo."

Para Sérgio, a arte proporcionou não apenas reconhecimento individual, mas consciência de seu papel político. "Me vejo nas crianças negras e, por isso, quero que elas se reconheçam no meu trabalho. Minha arte é um monumento de mulheres e homens negros que inspira o futuro e colabora para que jovens e crianças se reconheçam", afirma.

A curadora Juliana Crispe destaca que a exposição transcende o campo artístico para se tornar um chamado à revisão histórica. "Que esta exposição seja um manifesto para a história do Brasil que precisa ser interrogada e reconstruída, ativando a educação como campo de ação e transformação", observa.

Claudinei Roberto ressalta a função contemporânea da arte na obra de Sérgio Adriano H. "O corpo do artista é uma plataforma de resistência e reflexão sobre as tensões entre o passado colonial e o presente racista. Ele traz à tona as feridas históricas que ainda precisam ser curadas, com uma linguagem poética e política", analisa o curador.

A programação de abertura inclui a performance "desCOLONIZAR CORpos", realizada pelo próprio artista, às 18h.

SERVIÇO

CORpo MANIFESTO
CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66)
De 23/7 a 15/9, de terça a domingo (9h às 21h)
Entrada franca